

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE TEATRO LICENCIATURA**

MAYKO JEIZO ALVES DOS SANTOS

**“A FÉ QUE NOS UNE É A FÉ QUE NOS MOVE”:
A TEATRALIDADE NA
QUADRILHA JUNINA LUAR DO SERTÃO DE ALAGOAS**

Maceió – AL

2022

MAYKO JEIZO ALVES DOS SANTOS

“A FÉ QUE NOS UNE É A FÉ QUE NOS MOVE”: A TEATRALIDADE NA
QUADRILHA JUNINA LUAR DO SERTÃO DE ALAGOAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciatura plena em Teatro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Telma César Cavalcanti

Maceió – AL

2022

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário Responsável: Valdir Batista Pinto – CRB - 4 – 1588

S237f Santos, Mayko Jeizo Alves dos.

“A fé que nos une é a fé que nos move”: a teatralidade na Quadrilha Junina
Luar do Sertão de Alagoas / Mayko Jeizo Alves dos Santos. – 2022.
51 f.: il.

Orientador: Telma César Cavalcanti.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Teatro) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas Comunicação e
Artes. Maceió.

Bibliografia: f. 51.

1. Teatro. 2. Teatro contemporâneo. 3. Dança folclórica. 4. Dança da roça. I. Título

CDU: 792

Agradeço por tudo que tenho.
Agradecer é a arte de atrair coisas boas!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder a força de vontade para concluir este trabalho e os grandes momentos de desafios e conquistas que foram extremamente importantes para a minha concepção de ser.

Aos meus pais, Valdevez Maria e Antônio Alves, por sempre terem me incentivado, sendo meu alicerce para que eu pudesse erguer minha própria vida, e por sempre estarem presentes no meu caminhar.

Ao grupo junino Luar do Sertão, especialmente ao presidente Cláudio Menezes, por abrirem a porta para receber meu trabalho, por toda confiança em mim depositada, e por estarem sempre disponíveis para ajudar no que for necessário.

A minha orientadora e professora Dra. Telma César Cavalcanti, que acompanhou minha trajetória no curso, por suas contribuições, ensinamentos e críticas, tão necessários à minha formação e por ter despertado o olhar para outras possibilidades do ensino de teatro.

RESUMO

O presente trabalho analisa a teatralidade presente no espetáculo “A fé que nos une é a fé que nos move” apresentado em 2014 pela Quadrilha Junina Luar do Sertão de Alagoas. O trabalho adota a noção de teatralidade conforme proposta por Pavis (2008) e para a realização da análise do espetáculo, utilizei os referenciais dos estudos coreológicos (LABAN, 1978; PRESTON-DUNLOP, 1989) somado aos meus conhecimentos adquiridos ao longo do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Alagoas, bem como, minha experiência como apreciador e ex-integrante de grupos de quadrilhas juninas. Toda análise se fez a partir dos registros áudio-visuais disponíveis na plataforma Youtube. Foi realizada pesquisa bibliográfica sobre a história das quadrilhas juninas a partir dos referenciais de Vitalli (2008), Chianca (2007), Almeida (2001) e Silva (2019). Além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (TRIVINOS, 1987), com o presidente da quadrilha Luar do Sertão, Claudio Menezes e o coreógrafo Anderson Coutinho. A pesquisa busca refletir sobre o processo de construção desse espetáculo, observando como seus componentes estruturais constitutivos (Dançarino-ator, espaço geral, som e movimento) constroem sua teatralidade. Sendo assim, acreditamos que essa monografia traga contribuições interdisciplinares aos estudos do Teatro, da Dança, da Cultura Popular e que possa colaborar com o reconhecimento do trabalho artístico desenvolvido pelos grupos de quadrilhas juninas de Alagoas.

Palavras-Chave: Teatralidade. Quadrilha Junina Luar do Sertão de Alagoas. Estudos coreológicos

ABSTRACT

The present work analyzes the theatricality present in the show “The faith that unites us is the faith that moves us” presented in 2014 by the Quadrilha Junina Luar do Sertão de Alagoas. The work adopts the notion of theatricality as proposed by Pavis (2008) and to carry out the analysis of the show, I used the references of choreological studies (LABAN, 1978; PRESTON-DUNLOP, 1989) in addition to my knowledge acquired during the course of Theater Degree from the Federal University of Alagoas, as well as my experience as a connoisseur and ex-member of quadrilha groups. All analysis was made from the audio-visual records available on the youtube platform. A bibliographic research was carried out on the history of the June quadrilhas from the references of Vitalli (2008), Chianca (2007), Almeida (2001) and Silva (2019). In addition, semi-structured interviews (TRIVINOS, 1987) were carried out with the president of the Luar do Sertão gang, Claudio Menezes and the choreographer Anderson Coutinho. The research seeks to reflect on the process of construction of this show, observing how its constitutive structural components (Dancer-actor, general space, sound and movement) build its theatricality. Therefore, we believe that this monograph brings interdisciplinary contributions to the studies of Theater, Dance, Popular Culture and that it can collaborate with the recognition of the artistic work developed by the groups of June dance groups of Alagoas.

Keywords: Theatricality. Quadrilha Junina Luar do Sertão de Alagoas. choreological studies

LISTA DE FIGURAS

Foto 1- Quadrilha Matuta Luar do Sertão.....	17
Foto 2- Quadrilha Junina Luar do Sertão 2014.....	19
Foto 3 - Dançarinas da Luar do Sertão (2014)	27
Foto 4 - Dançarinos da Luar do Sertão (2014).....	27
Foto 5 - Ginásio do Sesi em Maceió	28
Foto 6 - Ginásio do Sesc Poço em Maceió	29
Foto 7- Estrutura na Praça Multieventos	29
Foto 8 - Apresentação na Praça Multieventos em 2014.....	30
Foto 9 - Visão geral do espaço cênico da apresentação.....	30
Foto 10 – Lavadeiras e Sertanejos (Luar do Sertão, 2014).....	33
Foto 11 - Representando a chuva no sertão	33
Foto 12 - Figurino de chita das damas	34
Foto 13 - Figurino das damas.....	35
Foto 14 - Figurino Rainha 2014.....	36
Foto 15 - Figurino Noiva 2014	36
Foto 16 - Figurino do Casal Rei e rainha 2014.....	37
Foto 17 - Figurino Casal Noivo e noiva, 2014	37
Foto 18 - Cenário frontal/fundo.....	39
Foto 19 - Cenário Padre Cícero	40
Foto 20 - Cenário Frei Damião	40
Foto 21 - Escadaria	41
Foto 22 - Cenário carregando a representação de Nossa Senhora	42
Foto 23 - Cenário Mulher Sertaneja	42
Foto 24- Ensaio 2014.....	46
Foto 25- Ensaio 2014.....	47
Foto 26- Ensaio 2014.....	48
Foto 27- Ensaio 2014.....	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O CONTEXTO HISTÓRICO DAS QUADRILHAS JUNINAS	14
2.1 INFLUÊNCIAS, SÍMBOLOS E SIGNIFICADOS	16
2.2 QUADRILHA MATUTA.....	17
2.3 QUADRILHA ESTILIZADA	18
2.4 QUADRILHA RECRIADA	19
2.5 A QUADRILHA JUNINA EM MACEIÓ	20
3 QUADRILHA JUNINA LUAR DO SERTÃO DE ALAGOAS- 36 ANOS DE HISTÓRIA NO SÃO JOÃO DO BRASIL.....	21
4 ANÁLISE DO ESPETÁCULO “A FÉ QUE NOS UNE É A FÉ QUE NOS MOVE” ..	25
4.1 O ROTEIRO DO ESPETÁCULO	25
4.2. CARACTERÍSTICAS DOS COMPONENTES DO ESPETÁCULO DE 2014 DA QUADRILHA JUNINA LUAR DO SERTÃO	25
4.2.1. Dançarino-ator.....	26
4.2.2 Espaço geral	28
4.2.3 Figurino	31
4.2.4 Cenários	38
4.2.5 Som	43
4.2.6 Movimento.....	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como finalidade analisar a teatralidade presente no espetáculo “A fé que nos une é a fé que nos move.” da Quadrilha Junina Luar do Sertão de Alagoas, apresentado em Maceió, no ano de 2014 por ocasião do Concurso Estadual de Grupos de Quadrilhas Juninas de Alagoas. Para a realização desta análise, utilizei os referenciais dos estudos coreológicos (LABAN, 1978; PRESTON-DUNLOP, 1989). Preston-Dunlop (1998), fundamenta a sistematização de seu trabalho nas ideias de Rudolf Laban. Laban (1879-1958), dançarino e coreógrafo austro-húngaro, percussor da Dança-Teatro. Laban pautava seu trabalho na intersecção ente a dança e o teatro entendendo ambas como artes corporais, e em seu sistema de análise - o corpo e o movimento estavam no centro das observações. Preston-Dunlop, dando continuidade e expandindo as ideias de Laban, propunha também para a observação de outros elementos da cena, como a sonoridade e o espaço geral que inclui todos os elementos visuais (figurinos, adereços, objetos, cenários, luz), bem como as peculiaridades de cada ator-dançarino em cena. A partir das características específicas de cada um desses componentes e da inter-relações entre eles é que se estruturam os sentidos e significados da obra cênica. Seria então, a partir das escolhas desses elementos, intencionalmente postos na representação, que se geraria a teatralidade.

A noção de teatralidade aqui adotada, orienta-se a partir da perspectiva de Pavis (2008, p. 372), que a considera como “aquilo que, na representação ou no texto dramático, é especificamente teatral (ou cênico)”.

Nesse ponto, coloco-me enquanto brincante de quadrilha junina por nove anos e discente pesquisador, e destaco que a quadrilha junina é um objeto de pesquisa pouco explorado em Alagoas. Principalmente no ambiente acadêmico, aqui me referindo mais diretamente ao Curso de Licenciatura em Teatro, onde sou aluno, a quadrilha junina não é reconhecida -omo um fazer espetacular significativo na formação de um licenciado em Teatro.

Apesar do Projeto Pedagógico do referido curso propor o reconhecimento dos conhecimentos das manifestações cênicas da tradição popular alagoana e brasileira na formação do licenciado em Teatro, essa é uma trilha que entendo estar ainda em um estágio inicial. Digo isso, mesmo reconhecendo os avanços nessa direção a partir

de projetos que vem sendo desenvolvidos como o “troca de saberes” liderado pelo prof. José Jorge de Carvalho na Universidade de Brasília (UNB), o conceito de etnocenologia (BIÃO,2007) fomentado sobretudo no Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e as discussões propostas por autores como Ligério (2012) em torno da noção de “um outro teatro” e a riqueza dos trabalhos produzidos pela ex-aluna do curso de Teatro da UFAL Daniela Beny Moraes (2017), dentre outros.

Por essa razão, e por perceber o movimento dos grupos de quadrilhas juninas como algo de pouca visibilidade em nosso estado, senti-me motivado para abordar este tema em meu trabalho de conclusão de curso focando o interesse no aspecto espetacular desse movimento coletivo, isto é, enxergando as quadrilhas juninas como um espetáculo, um fazer artístico.

O caminho metodológico partiu de minha experiência como brincante de quadrilha junina, o que inclui também ser público dos espetáculos das quadrilhas juninas locais. Essa condição, sem dúvida, instrumentalizou meu olhar para o objeto de estudo em questão. Além disso, foi feita uma revisão bibliográfica para uma melhor contextualização histórica do contexto pesquisado. Buscamos em Vitalli (2008), Chianca (2007), Almeida (2001) e Silva (2019) referências sobre o histórico das quadrilhas juninas no Brasil e a partir de Silva (2019) foi possível situar o contexto local no qual está inserido o grupo em questão.

Além da pesquisa bibliográfica, também foi feito um levantamento iconográfico e videográfico tanto através da internet¹, através das plataformas Youtube e Instagram, como nos arquivos pessoais dos entrevistados, que, gentilmente cederam seus materiais para serem utilizados neste trabalho.

Sendo assim, na primeira sessão início com um breve histórico sobre quadrilhas juninas, inseridas no contexto dos festejos à São João, a partir dos referenciais apresentados por Vitalli (2008), Chianca (2007) e Almeida (2001), de modo a traçar um contexto histórico mais abrangente para então chegar à realidade local, alagoana, valendo-me da pesquisa de Silva (2019).

¹ Disponível em: <https://youtu.be/4Zlmm4GAVY> / <https://youtu.be/kZm1Cb7QFiU> / https://instagram.com/luardosertao_al?igshid=YmMyMTA2M2Y= / <http://www.bairrosdemaceio.net/bairros/prado>

Após essa explanação inicial, apresento, na segunda sessão, o objeto de pesquisa, a quadrilha junina Luar do Sertão de Alagoas, pertencente ao bairro do Prado, fundada pelo presidente Cláudio Menezes no ano de 1987. A escolha desse grupo de quadrilha se deu por ser a mais antiga de Alagoas que está ativa até os dias atuais, a que mais venceu concursos juninos no estado e no Brasil e, também, por eu ser integrante desse grupo junino.

Na terceira sessão, apresento a análise do espetáculo do ano de 2014 da quadrilha junina Luar do Sertão de Alagoas a partir de seus componentes estruturais constitutivos².

Por fim, teço minhas considerações finais, localizando os objetivos alcançados com a realização deste trabalho de conclusão de curso e refletindo sobre as contribuições deste estudo para a área das artes cênicas e para a comunidade alagoana em geral.

² Sugiro a apreciação do vídeo do referido espetáculo através do link: <https://youtu.be/kZm1Cb7QFiU>

2 O CONTEXTO HISTÓRICO DAS QUADRILHAS JUNINAS

“As chamadas Festas Juninas têm sua origem em países católicos da Europa” (VITALLI, 2008, p.15) e são, na sua essência, multiculturais. O formato que conhecemos hoje teve inspiração nas festas dos santos populares de Portugal, principalmente São João. A festividade seria, portanto, uma homenagem a São João, sendo chamada a princípio de “São Joanina”.

A Festa Junina foi trazida para o Brasil pelos portugueses, ainda durante o período colonial, período este em que o território brasileiro era apenas uma colônia do império português e por ele era administrado, sendo rapidamente incorporada aos costumes indígenas e afro-brasileiros, populações que na época, eram condenadas ao trabalho escravo e aliciados com o intuito de viabilizar interesses econômicos puramente europeus

Quando os portugueses iniciaram o empreendimento colonial no Brasil, a partir de 1500, as festas de São João eram o centro das comemorações de junho. Alguns cronistas contam que os jesuítas acendiam fogueiras e tochas em junho, provocando grande atração sobre os indígenas. No Brasil essa época coincidia com a realização dos rituais mais importantes para os povos que aqui viviam referentes à preparação dos novos plantios e às colheitas (VITALLI, 2008, p.21).

Segundo Vitalli (2008), “além da influência portuguesa, nesta época, havia ainda uma grande influência de elementos culturais chineses, espanhóis e franceses” (VITALLI, 2008, p. 15), cujas comunidades também ambicionavam lucrar no Brasil, fato este, que se configurou numa grande mistura racial e cultural.

Desse modo, a quadrilha, passa por diversas adaptações nesse contexto multicultural brasileiro, que envolverá também sua relação com a população menos favorecida economicamente, se estabelecendo a partir daí o que mais tarde conheceríamos por quadrilha matuta ou caipira. Essas pessoas camponesas, em sua maioria agricultores, trabalhadores da roça, dançavam com seus trajes de festa. Posteriormente esse modo de vestir-se viria a ser reproduzido por pessoas urbanas por ocasião dos festejos juninos, como até hoje ainda vemos: vestidos em estampas

floridas de chita³, babados⁴, mulheres com pintas no rosto, “Maria Chiquinha”⁵ no cabelo, homens sempre utilizando chapéu de palha e tantos outros detalhes que fazem parte dessa cultura de representar o homem matuto e a mulher matuta.

“O matuto é um personagem conhecido através da caricatura do rurícola feita pelo cidadão, foi utilizado como um dos artifícios para legitimação do processo de urbanização que tem o papel de associar a imagem do campo ao atraso e ao passado, em contraponto a cidade ligada ao processo e à modernidade” (MENEZES, 2008, p. 14).

Com o passar do tempo, o significado e o nome original da festa, a princípio conhecida por Festa Joanina foram descaracterizados, pois “a festa passou oficialmente a ser comemorada no mês de junho, mês em que se comemora a colheita do milho no Brasil; quando os rios estão baixos e o solo pronto para enfrentar o plantio” (VITALLI, 2008, p.21). Daí o nome Festa Junina.

De acordo com Chianca (2007) e Almeida (2001), com a passagem dessa dança popular pelo salão nobre na época do Brasil colonial, a quadrilha ganhou refinamento e seu ritmo foi sendo enriquecido, passando a entreter os nobres, a exemplo de Dom Pedro II, um apreciador da quadrilha. No Brasil a dança quadrilha foi introduzida durante a regência e fez bastante sucesso nos salões brasileiros do século XIX, principalmente no Rio de Janeiro, sede da corte. Depois caiu no gosto do povo, que a modificou, introduzindo a sanfona, o triângulo e a zabumba, e alterou, também, a coreografia com ritmos mais ligeiros.

Conforme Almeida (2001), a palavra quadrilha vem do francês Quadrille e origina-se do italiano squadro, que significa companhia de soldados dispostos em quadrado. A dança quadrilha ou “Quadrille” nome esse que era chamado pelos franceses, surge por volta do século XVIII, como uma dança de salão composta por quatro casais.

Devido ao plantio e às colheitas, que correspondem ao início do inverno (estações das chuvas no Nordeste), levando em conta as tradições portuguesas trazidas para o Brasil e herdadas, por sua vez, do período pré-cristão, que comemorava a mudança do ciclo solar no hemisfério norte, chegaram-nos ritos de colheitas, em homenagem à fertilidade da terra e do homem. Tradições pagãs em que o colonizador, por meio da forte presença da Igreja Católica, introduziu os santos que hoje fazem parte do nosso ciclo junino. (ALMEIDA, 2001, p.18)

³ Tecido de algodão de baixo custo, estampado em cores.

⁴ Tecido franzido gerando mais volume, pode estar sobreposto ao tecido da roupa ou ser usado como finalização de uma saia, por exemplo.

⁵ Penteado em que o cabelo é repartido em duas metades, que são amarradas cada uma por laço de fita ou elástico.

Mas, ao longo do século XIX, a dança se popularizou no Brasil, especialmente no Nordeste, por influência dos portugueses no século XVI. Inicialmente a festa possuía uma conotação religiosa e era realizada em homenagem a santos como São João e Santo Antônio. Conotação essa que se perdeu em parte, uma vez que é vista por muitos mais como uma festividade popular do que religiosa. Deslocando-se do ambiente festivo das comunidades rurais e urbanas para o contexto dos concursos.

2.1 INFLUÊNCIAS, SÍMBOLOS E SIGNIFICADOS

Como dito, em meados do século XIX, portugueses, chineses, espanhóis e franceses influenciavam o Brasil com seus hábitos culturais peculiares, o que explicaria a origem de algumas simbologias e de alguns costumes praticados durante a execução da Festa Junina. As Festas Juninas são, portanto, um retrato das contribuições culturais desses povos à cultura brasileira, somando-se as contribuições dos povos indígenas e africanos. Desde a colonização até os dias atuais, as festas juninas se mantem viva no nosso país, mantendo características comuns e ganhando peculiaridades conforme o passar do tempo e do espaço de acontecimentos.

De acordo com a região do país, variam os tipos de dança, indumentária e comida. A tônica é a fogueira, o foguetório, o milho, a pinga, o mastro e as rezas dos santos. Cada comunidade homenageia seus santos preferidos e padroeiros, com destaque para os santos juninos. São festas de arraial⁶ que começam no décimo dia depois das novenas e nas quais estão presentes as fogueiras, o foguetório, o mastro, banhos, muita comida e folia (VITALLI, 2008, p.25).

A fogueira, o foguetório, o milho, a bebida e as rezas aos santos católicos, são símbolos culturais que fazem parte do cenário da Festa Junina, referem -se não apenas à tradição da festa, mas também a cultura regional. Assim, no cenário da festa, encontram-se uma série de componentes da cultura brasileira sob forma de simulações, como o arraial e a representação do casamento matuto, que se entrelaçam tanto ao universo simbólico do modo de vida rural quanto ao modo de vida urbano industrial.

⁶ Arraial diz respeito a lugarejo, pequena aldeia ou similar.

2.2 QUADRILHA MATUTA



Foto 1- Quadrilha Matuta Luar do Sertão
Fonte: Acervo do grupo Luar do Sertao - AL

A quadrilha matuta é uma das danças juninas mais populares do Brasil e é caracterizada por manter termos herdados de danças francesas, como anarriê, anavantu, para designar movimentos coreográficos do conjunto, como avançar e recuar. Tais termos misturam-se aa nomenclaturas brasileiras tais como caminho da roça, caminho da festa, os cavalheiros cumprimentam as damas, saudação geral, preparar para o galope, olha o túnel, olha o grande passeio, damas ao centro, coroa de rosas, descoroar, damas procuram seus cavalheiros, caracol, olha a chuva, já passou, olha a cobra, já mataram, a ponte quebrou, já consertou.

Os dançarinos usam trajes que representam o modo característico das das pessoas da roça se vestirem. As matutas, que são as meninas, usam vestidos de chita (tecido estampado), com babados de bico de renda, arranjo na cabeça ou chapéu de palha com uma trança comprida de cada lado do chapéu; a maquiagem é composta por simples pontinhos de lápis preto para lembrar as sardas surgidas pelo excesso ao sol. Também são utilizados como adereços brincos, anéis, pulseiras e sandálias de couro ou artesanais.

Os meninos vestem calças com remendos de tecidos de chitas coloridas ou xadrez e camisa no padrão xadrez. Na cabeça usam o chapéu de palha; nos pés

sandálias de artesanato ou sapato social e; não poderia faltar o charme dos meninos que era feito ou com lápis preto ou carvão, o famoso bigode e cavanhaque.

O marcador da quadrilha desempenha papel fundamental, pois é ele que dá a voz de comando em francês, não muito correto misturado com o português, e dirige as evoluções da dança.

2.3 QUADRILHA ESTILIZADA

Entendo a quadrilha estilizada como uma nova forma de expressão junina. São grupos de dança com diversas coreografias, onde os dançarinos executam passos especificamente organizados para a música a ser dançada. Seus trajes lembram roupas típicas do Sul do País.

No guia História do Folclore da Secretaria de Turismo da Prefeitura do Recife (1997), tem-se a definição: “É uma nova forma de expressão junina.” São grupos de dança com diversas coreografias, onde os dançarinos executam passos específicos àquela música. Seus trajes lembram roupas típicas do Sul do País.

No inventário da Oferta Turística de Pernambuco realizado pela EMPETUR E SEBRAE com o apoio da SUDENE (A-2.7.4-1998), a quadrilha junina é assim descrita:

“Hoje, observa-se em vários municípios do Estado uma mudança na estrutura original da quadrilha – a indumentária (incluindo um guarda-roupa mais rico e com características do apresentado pelo folclore gaúcho), da coreografia e do repertório musical, que passou a ser mais amplo e não necessariamente relativo ao período do São João”.

No início da década de noventa, ocorreu a travessia da quadrilha tradicional à estilizada devido ao fato de um grupo pernambucano fazer uma crítica ao povo gaúcho, numa época em que os estados da Região Sul ensaiaram um movimento separatista que conseguissem um novo país que se denominaria de República dos Pampas. O movimento não prosperou, contudo, a tendência do folclore gaúcho especialmente as danças e as indumentárias foi um braço para a derivação da quadrilha estilizada. Na fase de transição de estilo, as quadrilhas se apresentavam com bombachas, chapéu de feltro, lenços vermelhos no pescoço, boleadeiras. As moças com trajes e adereços também fazendo uma alusão à indumentária típica das danças sulistas, diferente dos vestidos de chita da quadrilha tradicional ou matuta. O aparecimento da quadrilha junina denominada de “estilizada”, coincide com a época

do episódio acima descrito, data do final da década de oitenta para início dos anos noventa. Após duas décadas, a marca da quadrilha estilizada já se distanciou da influência gaúcha dos primeiros anos, hoje, está impressa no luxo, no brilho e nos ritmos ligeiros das músicas, uma apresentação quase carnavalesca.

2.4 QUADRILHA RECRIADA



Foto 2- Quadrilha Junina Luar do Sertão no ano de 2014

Fotógrafo: Dall Fragoso

Fonte:

[Acontecesantago.blogspot.com/2014/06/quadrilha-luar-do-sertao-vence-o.html?m=1](http://acontecesantago.blogspot.com/2014/06/quadrilha-luar-do-sertao-vence-o.html?m=1)

A partir do evento acima citado que possibilitou a transição da quadrilha tradicional para a estilizada e com a necessidade de diferenciá-las, surge a quadrilha recriada. Dentro desse novo conceito, destaca-se que ela se organiza

em torno de um tema, sendo este mais claro e mais bem definido em relação à quadrilha estilizada. Os personagens na quadrilha recriada podem ser os mesmos presentes nas quadrilhas matuta e estilizada, mas além dos tradicionais casais de noivos e reis, surgem novos personagens que conquistam a mesma visibilidade que os destaques que costumávamos ver, no entanto todas as inovações devem estar correlacionadas com o tema. A quadrilha recriada passou a exigir uma produção da mais elaborada, ao fazer uso de grandes cenários e efeitos coreográficos, sendo muitas vezes comparada pelo público com as escolas de samba do Rio de Janeiro. Alguns a identificam como “espetáculo junino”, por apresentarem as quatro principais linguagens da arte: a dança, o teatro, a música e as artes visuais. Outra

inovação é que nesta modalidade pode ser introduzida qualquer música, já que as quadrilhas costumam adaptar o ritmo original dessas músicas para um ritmo junino, sendo geralmente usado o arrasta-pé. (SILVA, p. 7, 2019).

2.5 A QUADRILHA JUNINA EM MACEIÓ

Em Maceió era de costume as famílias se reunirem na porta da sua casa, enfeitarem as ruas com bandeiras de São João, colocarem sua roupa de xadrez, acenderem sua fogueira, assarem seu milho e prosearem ao bom som de uma música junina. Com o passar do tempo esse costume ganhou novas cores e significados, transformando-se numa indústria cultural, onde a tradição é a principal matéria-prima.

Antigamente o único interesse era o de construir um palhoção nas ruas, com o objetivo do prazer da brincadeira do São João; hoje em dia o que vale é investir para ter um lucro financeiro e movimentar a economia no final da noite de cada dia de festa na cidade.

Com o avanço dos concursos juninos e a criação da Liga de Quadrilhas Juninas de Alagoas (LIQAL), surgida em Maceió no ano de 2003 e sua fundação está diretamente ligada à pessoa de José Cláudio Menezes da Costa, presidente da Quadrilha Luar do Sertão. A partir desse momento, começa a surgir muitos grupos juninos na cidade, tendo como objetivo de gostar de fazer quadrilha e de ter o privilégio de competir nos principais concursos.

3 QUADRILHA JUNINA LUAR DO SERTÃO DE ALAGOAS- 36 ANOS DE HISTÓRIA NO SÃO JOÃO DO BRASIL

A Quadrilha Junina Luar do Sertão de Alagoas, foi fundada pelo presidente Cláudio Menezes no ano de 1987, entretanto sua primeira apresentação foi no ano de 1983 em uma brincadeira de rua promovida pelo Cláudio Menezes e sua família no bairro do Prado, localizado em Maceió. O bairro do Prado se encontra próximo ao Centro comercial da cidade. O local é característico por transformar as casas antigas em lojas de peças de moto, carro, bicicleta, de fogões, material de construção, bebidas e mercadinhos. O bairro teve início com uma pista de corrida a cavalos, que saía do Centro da cidade para as margens da Lagoa Mundaú, no bairro Trapiche da Barra. O próprio nome do bairro lembra sua origem: um hipódromo ou pista de corrida e, ainda campo coberto de plantas. Hoje, o bairro é o mais central da capital, com suas ruas pavimentadas e mais recentemente, saneadas.

Ainda no século passado, o Prado tinha poucas casas, de taipa, e o cemitério que ficava onde hoje é a praça Custódio de Melo, construído para enterrar as vítimas da Varíola. No local, também havia uma capela, que foi destruída com o passar dos anos, e suas imagens levadas para a igreja de Nossa Senhora das Graças, no bairro Levada. Depois surgiu o chamado campo Santo, que deu origem a povoação. (BARBOSA, Jair Pimentel. A história do bairro que se originou de uma pista de cavalos, O JORNAL, 1996.)

As ruas mais antigas do bairro são: Avenida Siqueira Campos (antigo prado, pista de corrida de cavalos) ruas São Francisco, Sargento Jayme, Tamandaré, Caramurus, 21 de abril, Ceará, Xavier de Brito, Agnelo Barbosa, Manaus e Amazonas. Todas estão pavimentadas e saneadas. As antigas casas de taipa deram origem a residências modernas, com jardins e varandas. Restam poucos becos e vilas, que também já se modernizaram.

Há cerca de 30 anos, o Prado era só residencial e para a população de baixa renda. Aos poucos foram surgindo novos moradores de classe média, que construíram suas residências amplas. Na Avenida Siqueira Campos, a principal do bairro, vários bangalôs foram edificadas, desde a Praça Afrânio Jorge (praça da faculdade de medicina) até o Trapiche, quando termina a larga avenida de pista dupla.

É tipicamente conhecido como o bairro quadrilheiro, por conta dos moradores serem admiradores, apaixonados, encantados pelas quadrilhas juninas e a festa junina em celebração dos santos católicos.

A Luar do Sertão surgiu através de uma brincadeira na Rua Xavier de Brito, Maceió -AL, no ano de 1983, onde Cláudio Menezes e sua família criou um arraial chamado “Luar do Sertão”, em sua porta. E todo arraial que se prezasse, tinha uma quadrilha para se apresentar. Devido a criação desse arraial, e basicamente por existir essa tradição em conter uma quadrilha para dançar, foi daí, que o Zé Cláudio criou a Quadrilha Matuta Luar do Sertão. No ano de 1983, a quadrilha era composta por 32 dançarinos e o marcador, totalizando 33 pessoas participando do grupo junino Luar do Sertão. A quadrilha surgiu na Rua Xavier de Brito e os participantes moravam nas ruas adjacentes, tais como a Rua Primeiro de Maio, na antiga Rua do Supapo (Miguel Omena) e Praça da Faculdade. Todos os integrantes do grupo tinham entre 15 anos e 20 anos de idade.

Conhecido por ser o pioneiro das quadrilhas estilizadas no estado, o marcador e presidente da Quadrilha Junina Luar do Sertão, José Cláudio Menezes da Costa, Zé Cláudio, como é popularmente conhecido, tem 56 anos de idade, estudou administração pública na instituição de ensino UNEAL- Universidade Estadual de Alagoas, e trabalha na Secretaria de Estado da Educação e do Esporte de Alagoas; e entrou no mundo junino quando tinha apenas 15 anos de idade. Em 1987, ele fundou a Quadrilha Junina Luar do Sertão e de lá pra cá a quadrilha só cresceu, se tornando a maior detentora de títulos e prêmios, entre eles a de Campeã Alagoana por 16 vezes. Além dos títulos da quadrilha, Zé Cláudio, conquistou muitos prêmios como marcador ao longo dos 35 anos de dedicação à festa.

No ano de 1987, a Quadrilha Matuta Luar do Sertão, participou dos seus primeiros concursos no estado de Alagoas, que foram o “Arraial do Doca”, realizado no bairro do Prado; o concurso da “Rádio Gazeta com o apoio do Hiper Bompreço” e; EMATUR- Empresa Maceioense de Turismo”, conseguindo obter todos os títulos desses respectivos concursos em Alagoas. O presidente Zé Cláudio afirma: “que não se sabe se foi sorte ou por competência do grupo” (Em entrevista concedida ao ÔxeCast Nordeste no episódio 7, no canal do Youtube, no dia 5 de agosto de 2020.) Assim, a Quadrilha Luar do Sertão foi vista por todos como a melhor do estado, além de causar um grande impacto pelo fato de ser uma quadrilha nova no meio junino e conseguir obter no seu primeiro ano todos esses títulos, considerando assim, um fator inédito para o meio junino.

No ano de 1990, a Quadrilha Matuta Luar do Sertão, foi representar Alagoas no primeiro Campeonato Brasileiro de quadrilhas juninas, concurso que foi organizado pela Rede Manchete de Televisão em Salvador. Nesse concurso seriam premiadas as quadrilhas pelas categorias de “melhor quadrilha” e “quadrilha mais original” com prêmios caros e pagos em cruzeiros. E a quadrilha Luar do Sertão foi eleita pela atriz Regina Dourado e pelo carnavalesco Joãozinho Trinta como quadrilha mais original.” (SILVA, p. 5, 2019).

Zé Cláudio, o marcador e presidente da quadrilha, ficou encantado em ver uma quadrilha estilizada. O encanto foi tanto pela quadrilha estilizada, que ele pensou em mudar para o estilo no ano seguinte, mas não se sentiu pronto e não teve coragem.” (Em entrevista concedida ao ÔxeCast Nordeste no episódio 7, no canal do Youtube, no dia 5 de agosto de 2020.)

Em 1991, a quadrilha venceu mais um campeonato alagoano, mas não conseguindo obter o prêmio de originalidade no brasileiro ficando em quinto lugar no ranking geral, haja vista que o quesito “originalidade” havia sido extinto desse concurso. Logo:

Com a retirada do quesito “originalidade”, do concurso da Rede Manchete de Televisão em Salvador, à diminuição do número de inscrições de quadrilhas matutas caíram e tendo o aumento de quadrilhas estilizadas. A partir dessa grande realidade, que Zé Cláudio, resolve, no ano de 1992, optar a mudança de quadrilha matuta para estilizada. Em 1992, a quadrilha liderada por Zé Cláudio, configurou-se como a primeira quadrilha estilizada de Alagoas. Devido ao impacto da novidade, Zé Cláudio já havia pensado que sua quadrilha não seria campeã no primeiro ano e que no ano seguinte as demais quadrilhas seguiram esse novo modelo da Luar do Sertão. (SILVA, p. 6, 2019)

Assim, em 1992, a Luar do Sertão ficou em terceiro lugar no Campeonato Alagoano. Mesmo sendo aplaudidos de pé pelo público eufórico, não conseguiram impressionar os jurados com o novo modelo de organização coreográfica, de sonoridade e figurinos.

A Luar do Sertão, ganhou todas as disputas das quais participou, porém, para a decepção da junina, no ano de 1992 o Campeonato Brasileiro não foi realizado e continuou inativo nos anos 1992, 1993 e 1994. Em 1995, a organização do concurso passou a ser realizado pela Rede Globo de Televisão, visto que a Rede Manchete, até então organizadora dos concursos, tinha falido. Naquele ano, a Luar do Sertão saiu vencedora, assim como no ano seguinte, 1996. Teve a oportunidade de mostrar o estilizado alagoano e consegue o título de melhor quadrilha do Brasil (SILVA, p. 6, 2019).

A quadrilha Luar do Sertão atualmente é a mais premiada nos âmbitos local, regional e nacional. Aqui cito suas premiações: Tri - campeã Brasileira (concurso

realizado com todas as quadrilhas do Brasil e geralmente realizado na região Norte ou em Brasília). Tri - campeã Nordestina (esse concurso é realizado nos estados do nordeste, com apenas uma quadrilha junina representando cada um dos estados do nordeste, porém, o estado em que acontece o concurso tem duas quadrilhas participantes). Dezesseis vezes campeã alagoana (concurso realizado em Maceió pela LIQAL- Liga de Quadrilhas Juninas de Alagoas). A Luar do Sertão também já venceu dez vezes o concurso mais importante do estado, o Forró e Folia, organizado pela Tv Gazeta, afiliada Rede Globo, além de ter sido tri - campeã do concurso realizado pela Rede Globo Nordeste, que acontece em Pernambuco.

4 ANÁLISE DO ESPETÁCULO “A FÉ QUE NOS UNE É A FÉ QUE NOS MOVE”

Nesta sessão abordarei o espetáculo da quadrilha junina Luar do Sertão realizado em 2014. Buscaremos localizar a teatralidade presente na obra lançado o olhar sobre as interrelações entre seus componentes estruturais constitutivos. Para tanto, em um primeiro momento, iremos situar o enredo do espetáculo considerando seu roteiro e a narrativa das cenas em consonância com o tema central gerador da encenação. Em um segundo momento iremos revisitar esse roteiro utilizando os referenciais dos estudos coreológicos a partir da sistematização desenvolvida por Preston-Dunlop (1989) com base nos estudos desenvolvidos por Rudolf Laban.

4.1 O ROTEIRO DO ESPETÁCULO

O espetáculo da quadrilha tradicional, normalmente é dividido em duas partes: A dança e a encenação do casamento. Já a quadrilha estilizada, não apresenta necessariamente essa divisão. Nela, o casamento matuto e as variações coreográficas são intercaladas no decorrer da apresentação do espetáculo. Além disso, outras temáticas e personagens, para além do casamento matuto, constituem o roteiro do espetáculo.

O roteiro do espetáculo aqui referido é dividido em 06 momentos: São eles, dramatização em que se discorre sobre a temática abordada no espetáculo, coreografias representando o sol e a chuva no sertão, celebração dos santos católicos, coreografia que representa a festa da quadrilha, casamento e final da apresentação quando se homenageiam as mulheres fortes, guerreiras, devotas e batizadas por nome Maria.

4.2. CARACTERÍSTICAS DOS COMPONENTES DO ESPETÁCULO DE 2014 DA QUADRILHA JUNINA LUAR DO SERTÃO

No contexto dos estudos coreológicos, os sentidos e significados de uma obra cênica dançante, se estruturam a partir das relações entre seus componentes estruturais constitutivos, a saber: dançarino-ator, espaço geral (que inclui os elementos de cenário, luz, figurinos, adereços, etc.), o som e o movimento. Em cada

um desses componentes, variados aspectos devem ser observados, como destacamos nas seções terciárias.

4.2.1. Dançarino-ator

Nas observações a este componente, deverão ser levados em consideração os seguintes aspectos: idade, sexo, gênero, classe social, biótipo, técnica.

A quadrilha Luar do Sertão de Alagoas no ano de 2014 contou com 50 casais para a elaboração do seu espetáculo junino. O grupo carregava uma diversidade de dançarinos na faixa etária entre 20 e 60 anos. A maioria desses dançarinos e dançarinas são do gênero masculino e feminino, porém, vale destacar que o grupo conta com um considerável contingente de homens e mulheres homossexuais.

De modo geral, é comum nos outros grupos de quadrilha de Maceió essa presença forte de homens homossexuais no elenco, embora não tenha sido mensurado, ousamos dizer que, ao que parece, eles são maioria nesses grupos. Apesar disso, é gritante a homofobia e o preconceito do público perante essas pessoas. Isso pode ser evidenciado através do próprio grupo junino e público.

Com relação a realidade da quadrilha junina Luar do Sertão, que conhecemos de perto, é importante evidenciar, o quanto esses dançarinos homens que assumem sua homossexualidade, são integrantes fundamentais no processo total do espetáculo que envolve não só a performance no momento da atuação na arena, mas também as etapas de produção que antecedem a estreia. São eles que criam figurinos, arranjos, chapéus, maquiagem, coreografia, roteiro, sapatos, costura, entre outros aspectos que constituem a edificação da obra.

A grande maioria dos dançarinos e dançarinas são residentes do próprio bairro do Prado e bairros próximos. O grupo Luar do Sertão de Alagoas atualmente é a única quadrilha que representa o bairro do Prado.

Em relação a formação técnica corporal do elenco, esta é diversificada. A maior parte tem sua formação dentro do grupo a partir da experiência do próprio fazer do espetáculo. Outros são procedentes de academias de balé da cidade, são egressos da Escola Técnica de Artes da UFAL, alunos das graduações de Teatro e de Dança também da UFAL. O intercâmbio de conhecimento entre essa diversidade formativa

do elenco parece ser positivo, haja vistas as premiações sucessivas que o grupo vem ganhando ano após ano desde a sua criação.



Foto 3 - Dançarinas da Luar do Sertão (2014)
Fotografo: Sivaldo Domingos
Fonte: Acervo da Luar do sertão



Foto 4 - Dançarinos da Luar do Sertão (2014)
Fotografo: Sivaldo Domingos
Fonte: Acervo da Luar do sertão

4.2.2 Espaço geral

Refere-se ao lugar em que a apresentação acontece (palco italiano, espaço ao ar livre, picadeiro, arena, etc.) e como ele está constituído, isto é, como se apresentam os elementos de cenário, se há objetos, praticáveis, objetos, iluminação características da paisagem natural. Inclui-se aqui também os figurinos, enfim, todos os elementos visuais do espetáculo

As apresentações dos grupos de quadrilha geralmente ocorrem em ginásios de esportes, ou espaços abertos adaptados para esse tipo de apresentação. Esses espetáculos precisam de espaços amplos que comportem, além da arena onde ocorre a apresentação, o grande público que prestigia o espetáculo constituindo verdadeiras torcidas organizadas de cada grupo.

Em Alagoas, as apresentações dos principais concursos de quadrilhas juninas, o “Forró e Folia” promovido pela Tv Gazeta afiliada da Rede Globo e o “Alagoano” promovido pela LIQAL- Liga de Quadrilhas Juninas de Alagoas são realizados no Ginásio do Sesi e no Ginásio do Sesc Poço. Nas fotos aqui utilizadas apresento espetáculos de vários anos e não só de 2014, de modo a apresentar diferentes espaços na cidade em que a quadrilha se apresenta. No Sesc Poço em uma apresentação da Luar do Sertão no ano de 2019. Na foto 5 o local é o Ginásio do Sesi no ano de 2015. Na foto 7 apresento apenas o local em que aconteceu o concurso “Forró e Folia” de 2014, a Praça Multieventos, no bairro da Pajuçara.



Foto 5 - Ginásio do Sesi em Maceió
Fotógrafo: Sivaldo Domingos



Foto 6 - Ginásio do Sesc Poço em Maceió
Fotógrafo: Lulinha Tavares



Foto 7- Estrutura na Praça Multieventos
Fonte: Alagoas24horas.com.br



Foto 8 - Apresentação na Praça Multieventos em 2014
Fonte: Alagoas24horas.com.br

O espaço pode ser entendido como o centro, pois é o lugar onde acontece toda a apresentação, alegrando o público presente, tanto os que permanecem nas arquibancadas, como os jurados que se colocam na frente do grupo para julgar as apresentações da quadrilha junina. Ao fundo, é colocado um painel, delimitando o espaço destinado para adereços e o local onde permanece a equipe de apoio, funcionando como uma espécie de camarim. Este camarim não é visto pelos jurados, que estão à sua frente, mas, no entanto, é visto por parte da plateia que está na lateral.



Foto 9 - Visão geral do espaço cênico da apresentação
Fonte: https://instagram.com/luardosertao_al?igshid=YmMyMTA2M2Y=

Por um lado, observamos que há uma falta de reconhecimento por parte dos organizadores dos concursos, com relação ao público. As arquibancadas em lugares

ao ar livre não parece ser o local mais adequado para o público, pois sempre houve reclamações por parte de quem vai prestigiar as quadrilhas juninas desse espaço fornecido pelos organizadores. Mas, do ano de 2015 até os tempos de hoje, o presidente da LIQAL (Liga de Quadrilhas Juninas de Alagoas), Washigton do Nascimento Machado, levou em consideração para a escolha de outro local que mantenha o público confortável. A LIQAL, com parceria da Tv Gazeta afiliada da Rede Globo investiu para o aluguel de um novo espaço para a realização do concurso, o “Forró e Folia” que passou a ser realizado no Ginásio do Sesi, no bairro do Trapiche da Barra.

A estrutura montada na praça Multieventos para receber as quadrilhas juninas no concurso Forró e Folia, foi formada por enormes tendas, o chão com tablado de madeira coberto por um tecido na cor preta e o teto foi decorado por tecidos coloridos e bandeirinhas de São João. Nas laterais foi colocado uma grade de ferro, e por trás dessas grades ficaram as arquibancadas para comportar o público.

4.2.3 Figurino

Como dito, no processo de criação do espetáculo, o ponto de partida é a definição do tema. A quadrilha Luar do Sertão trouxe para suas apresentações o tema da fé católica do povo sertanejo nordestino como sendo gerador de um elo de ligação desse povo e fonte geradora de forças para vencer as adversidades dessa região, conforme demonstra o título da obra: “A fé que nos une é a fé que nos move”. Tomou por base de referência a obra Morte e Vida Severina do pernambucano João Cabral de Melo Neto. Trazendo também para abrilhantar o espetáculo junino, a seca no sertão e a representatividade das mulheres nordestinas, mulheres sertanejas e mulheres chamadas Marias.

Será a partir do tema que se desenvolverá toda a proposta do figurino. O figurino de 2014 foi concebido por David Perdigão, que foi diretor de criação do espetáculo neste ano e coreógrafo da quadrilha junina. Atualmente é Chiquinho Almeida, natural do Ceará, quem se ocupa a função de figurinista. Para a construção dos figurinos não houve utilização de croquis e foi confeccionado a partir das ideias pensadas pela dupla de figurinistas que fizeram testes com tecidos comprados, até chegar ao que realmente queriam.

Cada gênero, homem e mulher, na composição do casal, deve ter um padrão diferenciado, mas que ao mesmo tempo se relacione. As diferentes personagens têm vestimentas específicas, a exemplo da noiva, do noivo, da rainha.

Houve uma grande variedade de figurinos, tanto em relação ao gênero, quanto aos diferentes personagens e em relação a cada momento e cenas do espetáculo. Ao todo ocorreram três trocas de roupas para as damas e duas trocas para os cavalheiros ao longo da apresentação. Ainda assim há um figurino que é considerado como o oficial, ou seja, é aquele que prepondera no conjunto de dançarinos e dançarinas e que é usado por mais tempo durante a dança da quadrilha.

Em função da temática regionalista se optou por usar a chita como representativo dessa localidade. Esse tecido prevaleceu na cena durante toda apresentação e percorreu durante os figurinos usados por damas e cavalheiros no momento da dança da quadrilha.

A quadrilha junina Luar do Sertão de Alagoas inicia sua apresentação com uma vestimenta toda de tecido de chita e com estampas totalmente diferentes de cada componente, remetendo o sofrimento dos sertanejos e a seca que é encontrada no sertão.

Alguns acessórios se fizeram necessários para contribuir na contextualização do tema. As dançarinas, em uma determinada cena, carregam em suas mãos uma bacia de alumínio, vestidas com roupas de tecidos de chita estampado e roupas sujas na bacia para assim simular as mulheres lavadeiras. Logo em seguida, as dançarinas trocam o vestido de chita estampado para um vestido na cor amarelo e pintado com raios de sol, fazendo a celebração da chegada do sol no sertão. Já os dançarinos homens, seguem segurando uma enxada cenográfica no momento da execução da coreografia. Podemos destacar os elementos como chapéu de palha usados pelos meninos e lenço na cabeça das meninas. Desse modo, contribuindo com a estética visual da cena.



Foto 10 – Lavadeiras e Sertanejos (Luar do Sertão, 2014)
Fotógrafo: Sivaldo Domingos

Logo em seguida, no espaço da apresentação, as damas trocam para o outro figurino de tecido de cetim na cor azul, dando uma representação de água e que iria cair chuva no sertão.



Foto 11 - Representando a chuva no sertão
Fonte: https://instagram.com/luardosertao_al?igshid=YmMyMTA2M2Y=

Depois que a apresentação é finalizada, entra no espaço cênico o grupo de atores responsáveis pela parte da encenação, usando um figurino de chita

estampado. Em seguida, é o momento que todos os componentes retornam ao tablado com o figurino oficial e realiza a dança da quadrilha junina estilizada. O figurino na quadrilha estilizada, utiliza-se de tecido com muito brilho, além de ter um acabamento rebuscado, retratando o luxo e seguindo um modelo estético que é comum ser observado nas demais quadrilhas do Nordeste.

Por apresentar uma temática onde se aborda o simples, o sofrimento e a pobreza dos sertanejos, a Luar do Sertão de Alagoas mostrou duas propostas de figurinos oficiais das damas, sendo um simples e outro elegante. Um vestido de tecido de chita e um outro vestido de cetim com detalhes em cores, tecido de renda, fitas coloridas na barra da saia e o colorido predominando em toda parte do acabamento do vestido, como pode ser observado nas figuras abaixo.



Foto 12 - Figurino de chita das damas
Fotógrafo: Sivaldo Domingos



Foto 13 - Figurino das damas
Fotógrafo: Sivaldo Domingos

Além do figurino das damas e dos cavalheiros chamarem atenção no momento da apresentação da quadrilha, vale analisar que o figurino dos destaques formados por reis e noivos são os mais esperados da noite. Sempre guardados “a sete chaves”, esses figurinos são os que acabam sendo marcante nas apresentações juninas de qualquer quadrilha, ainda mais quando os casais de destaques são reconhecidos no meio junino como os melhores. Por melhores entenda-se mais experientes e com maiores habilidades e técnica apurada na dança e na representação.

Em 2014, o casal de noivos foi representado por Maria Darianny e David Perdigão e o casal de reis, por Anderson Coutinho e Dayelle Louise. Os dois casais de destaques utilizaram dois figurinos em dois momentos da apresentação do espetáculo. No primeiro momento da encenação com figurino de tecido de chita e no segundo momento um figurino mais trabalhado, sofisticado na hora que todo grupo comemora a festa junina em ritmo de arrasta-pé.



Foto 14 - Figurino Rainha 2014
Fotógrafo: Sivaldo Domingos



Foto 15 - Figurino Noiva 2014
Fotógrafo: Sivaldo Domingos



Foto 16 - Figurino do Casal Rei e rainha 2014
Fotógrafa: Lidi Amaral



Foto 17 - Figurino Casal Noivo e noiva, 2014
Fotógrafo: Sivaldo Domingos

As especificidades do figurino de cada personagem, assim como as mudanças de figurino do conjunto são fundamentais para demarcar as passagens de uma cena para a outra e para traduzir o tema central do espetáculo.

Com troca de roupa no meio do tablado, alternando figurinos simples com outros sofisticados, a Luar do Sertão investiu cerca de mais de 400 mil reais no somatório do valor total do espetáculo. Resultando na vitória em todos os campeonatos disputados dentro e fora de Alagoas.

4.2.4 Cenários

Para o ano de 2014, a equipe artística da quadrilha desenvolveu cenários grandiosos, uma novidade naquele momento e que chamaram a atenção do público e dos jurados. Os cenários têm a função de contribuir com a dramaturgia do espetáculo, eles demarcam os diferentes momentos e acontecimentos na quadrilha, transformam o espaço possibilitando ao espectador a experiência de se imaginar ou se “transportar” para outros ambientes, ao menos essa foi a expectativa dos cenógrafos e do diretor do espetáculo.

O cenário frontal (considerando a frente demarcada pela bancada dos jurados) é utilizado com a função de abrir a cena para os jurados, e como indicador de passagem dos diferentes momentos da quadrilha. Essa prática sempre é utilizada por todas as quadrilhas. Já o painel que ficava à frente da quadrilha antes de começar o espetáculo, é levado pela equipe de apoio da quadrilha para permanecer ao fundo da apresentação, para assim, servir para todos os membros da quadrilha como bastidores.



Foto 18 - Cenário frontal/fundo
Fotógrafo: Sivaldo Domingos

A rica cenografia contou com uma escadaria com luzes, dois bonecos enormes simbolizando Padre Cícero e Frei Damião, um carro de boi no momento do casório dos noivos e um andor levando Maria Aparecida, representada por uma integrante da quadrilha junina e uma mulher lavadeira, representada pela atriz alagoana Diva Gonçalves. Nos momentos em que cada cenário era usado na cena, a torcida, o público, os apaixonados por quadrilha junina iam ao delírio, gritando e aplaudindo.

Os bonecos gigantes de Padre Cícero e Frei Damião, e as escadarias, foram confeccionados pelo artesão alagoano, Jamesson Costa Oliveira, residente do bairro do Poço. Mesmo sendo parte do cenário de fundo da quadrilha, chamavam a atenção por serem grandes e bem confeccionados, lembrando também os bonecos de Olinda. A grande escadaria rodeada de luzes amarela acompanhava o fundo junto com os bonecos. Os dançarinos fazem uso da escadaria quando executam a cena homenageando os santos católicos, trazendo muita emoção, devoção e fé.



Foto 19 - Cenário Padre Cícero
Fotógrafo: Sivaldo Domingos

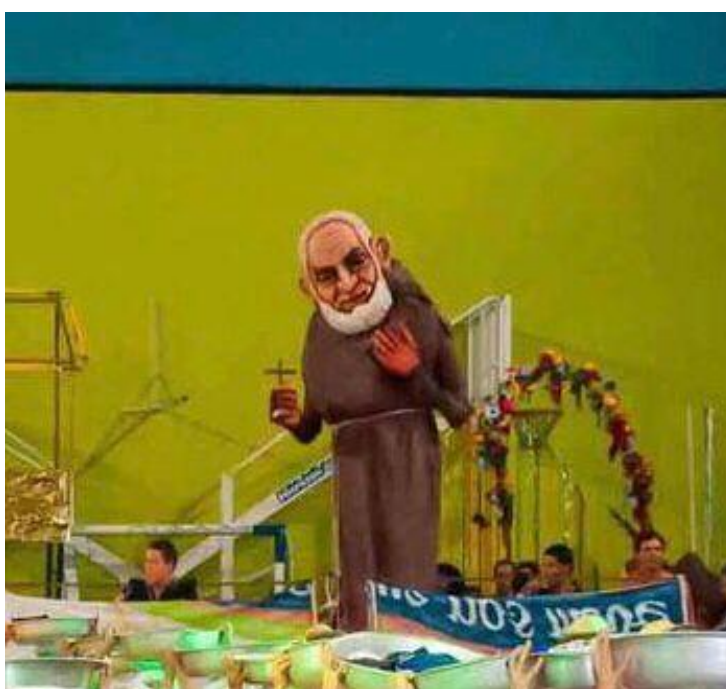


Foto 20 - Cenário Frei Damião
Fotógrafo: Sivaldo Domingos



Foto 21 - Escadaria
Fotógrafo: Sivaldo Domingos

Os criadores do espetáculo consideram como cena mais marcante, a cena final da apresentação em que a quadrilha faz uma homenagem às mulheres, especialmente mulheres que receberam seu nome Maria, quando, no final da apresentação, em cima de um andor, é trazida duas mulheres representando a santa Nossa Senhora Aparecida e a Mulher Nordestina. A cena se torna um momento de muita devoção, fé, força e agradecimento da fatura, dos milagres alcançados pelos dançarinos no ato do espetáculo.



Foto 22 - Cenário carregando a representação de Nossa Senhora
Fotógrafo: Sivaldo Domingos



Foto 23 - Cenário Mulher Sertaneja
Fotógrafo: Sivaldo Domingos

Diante do exposto, fica evidenciado que a composição do espaço geral com os elementos de cenário, figurino, iluminação, e os objetos de cena, são essenciais para a construção da teatralidade presente nas apresentações das quadrilhas juninas, propondo ao público uma “leitura” do espetáculo em coerência com a temática abordada.

4.2.5 Som

Este componente abarca toda a sonoridade que constitui o espetáculo, incluindo-se também a música.

A música é um dos primeiros elementos a serem pensados na criação do espetáculo, pois, a partir dela que será desenvolvida todo o processo coreográfico da quadrilha, assim como irá ajudar a determinar o roteiro e as passagens dos diferentes momentos, colaborando para o desenvolvimento do tema e sua comunicação ao público, ou seja, tem uma função determinante na encenação e, portanto, na teatralidade da quadrilha junina.

O repertório da Luar do Sertão para o ano de 2014, teve na sua maioria, músicas já existentes, pois as quadrilhas estilizadas têm uma prática de compor suas próprias músicas enfatizando alguns momentos. Descreverei a seguir tais momentos, analisando como esse elemento se faz presente ao longo do espetáculo da quadrilha. No início da encenação- parte teatral, o som é utilizado por vozes dos atores e atrizes de uma reza. Logo em seguida, vem representando as lavadeiras do rio e a força da mulher nordestina, com a música “Lavadeira do Rio” (Maria Rita- Composição: Braulio Tavres/ Lenine) cantada pela cantora da junina e com arranjo da banda da quadrilha Luar do Sertão. A cena é feita pelas damas da quadrilha, cada uma carregando uma bacia de alumínio e fazendo movimentos coreográficos de uma lavagem de roupa.

Após a apresentação das damas, entram os cavalheiros carregando uma enxada na mão, ao som da música “Baianá” (folgado tradicional alagoano) fazendo uso da letra da música “Boa noite povo que eu cheguei” recepcionando o público ali presente, e ao mesmo tempo passa um aviso de que o espetáculo irá começar. A música foi cantada ao vivo no espetáculo com o arranjo da banda da quadrilha.

Em seguida as damas executam uma coreografia marcada em homenagem ao sol, com saias longas na cor amarela, ao som da música “Magalenha” (Carlinhos Brown) cuja letra aborda Magalenha ou Magdalenha Rojão, onde é um nome fictício, é uma troca dos nomes Magda ou Madalena, com o acréscimo de lenha, que é madeira para alimentar o fogo de uma fogueira. Analisando toda a letra percebe-se que a vida retratada na canção é bastante simples, de gente que ainda usa fogão a lenha em lugar de fogão a gás.

Após a coreografia em homenagem ao sol, a parte teatral entra em um cortejo pedindo chuva no sertão. Dançando a música Oh, chuva, da banda Falamansa, os dançarinos fazem um momento mágico no salão, onde a roupa amarela em um simples truque se torna toda azul simbolizando chuva no sertão.

Oficializando a união dos noivos no momento do casório, daí em diante, irá acontecer uma sequência de músicas nos momentos da apresentação. Na escadaria se encontram todos os dançarinos, fazendo um momento de adoração aos santos católicos, Padre Cícero e Frei Damião. Nesse exato momento várias músicas são tocadas uma atrás da outra, seguem os nomes delas: Viva Meu Padim (Luiz Gonzaga), Romaria (Composta por Renato Teixeira e gravada em 1977 por Elis Regina), onde essa música os nordestinos saem em romaria agradecendo a chuva para eles poderem plantar e Disparada de Zé Ramalho.

Depois desse momento, o marcador e presidente da quadrilha junina, Cláudio Menezes, declama: “E viva São João, viva São Pedro, é a Luar do Sertão 2014, pra cimaaa!” a quadrilha passa a dançar e comemorando a festa junina e os santos juninos. Com muita alegria, evolução, passos marcados, vestidos balançados e batidas do pé no tablado, segue as músicas dançadas no salão: Galpões e Xaxados (Leo Estakazero), Nossa quadrilha tá aqui de novo (Lenne Martins), Instrumental Rainha da Luar do Sertão 2014 (Banda da quadrilha Luar do Sertão 2014), Podem até nos separar (Banda Musa do Calypso), depois dessa música tocada foi o momento da celebração da festa dos noivos, a música escolhida foi Até que fim (Forró Beija Flor).

Finalizando a comemoração dos noivos em um lindo carro de boi enorme, a música “Luar do Sertão, de Luiz Gonzaga” sempre toca para anunciar que o espetáculo junino da quadrilha Luar do Sertão de Alagoas está terminando, essa música segue como uma “tradição” que precisa estar dentro do repertório seja lá qual for a temática abordada.

O último momento é marcado com a música Maria, Maria de Milton Nascimento, fazendo uma homenagem a todas as mulheres da quadrilha, mulheres nordestina, mulheres sertanejas e mulheres com nome Maria.

Na quadrilha, podemos destacar sons produzidos pelos gritos ou aplausos do público presente, assim como os gritos ocasionados pelos dançarinos, as batidas das mãos e dos pés no tablado, preenchendo os espaços dentre as transições das

músicas. Esses sons estão sempre presentes no espaço, que, de certa forma ajuda a manter o ritmo do espetáculo e colabora com a empolgação dos/as dançarinos(as). Vale pontuar que a quadrilha tem sua própria torcida organizada que leva o nome de “Os lunáticos”, a torcida organizada sempre se faz presente nas apresentações de concursos e promovendo vários sons de buzinas, tambores, gritos, palmas e fogos de artifício como bombas de traques.

Sobre as vozes dos atores ao realizarem o texto dramático, é comum nas quadrilhas juninas que estas sejam gravadas anteriormente em um estúdio e os atores como que dublam suas próprias vozes. Nesse espetáculo de 2014 a Luar do Sertão inovou no São João do estado e do Brasil, fazendo uso de microfones faciais para os atores na encenação teatral, tornando o momento mais impactante e realista com as vozes dos atores ao vivo.

4.2.6 Movimento

Este componente está subdividido em cinco aspectos a serem observados são eles: O corpo, as ações corporais, o espaço, os relacionamentos e as dinâmicas. Cada um desses cinco componentes, por sua vez, subdividem-se ainda, em outros aspectos, a saber:

- O corpo: a observação ao uso do corpo como uma unidade, uso das articulações; ênfase em partes do corpo
- Ações corporais: andar, correr, parar, saltar, saltitar, descer, subir, girar, etc.
- Espaço: níveis espaciais (alto, médio, baixo), planos espaciais (“porta” – altura e largura, “mesa” – largura e profundidade, “roda” – altura e profundidade), progressões, projeção, tensão, formas
- Relacionamentos – entre atores-dançarinos, entre esses e objetos, cenário, figurinos, etc.
- Dinâmicas: as qualidades expressivas do movimento em relação a qualidade de força (leve – pesado), tempo (rápido-lento), espaço (sinuoso-reto) e fluxo (livre-controlado).

Neste trabalho, iremos dispensar especial atenção à análise do movimento no âmbito coreográfico, considerando assim, as partes em que não há texto dramático. Nesse contexto, pode-se dizer que:

- O corpo se apresenta como uma unidade verificando-se maior ênfase no uso de pernas e braços;



Foto 24- Ensaio 2014

Fonte: Arquivo Pessoal da Luar do Sertão

- As ações corporais têm ênfase nos deslocamentos em diferentes formas de andar, correr, saltitar, girar, virar, descer, subir, parar.
- No espaço utiliza-se enfaticamente o nível alto com passagens pelo nível médio, principalmente pelos homens. As progressões espaciais são a tônica, base estrutural das variações coreográficas com intensa diversidade das figuras espaciais a partir dos deslocamentos do conjunto (círculos, fileiras, colunas). A projeção do movimento se mostra no uso do olhar e na gestualidade dos braços para o alto, para o público, entre os pares e para os jurados;
- O relacionamento entre os atores-dançarinos é constante e se dá de variados modos: aproximando-se, afastando-se, tocando-se, elevando-se, circundando-se, ultrapassando-se, entre outros. Também se verifica relações com objetos, cenários e figurinos, neste último observa-se a ênfase na relação com os chapéus, por parte dos homens e com as saias, por parte das mulheres;



Foto 25- Ensaio 2014

Fonte: Arquivo Pessoal da Luar do Sertão

- As dinâmicas se estabelecem, sobretudo, a partir da relação com a música. O tempo obedece fundamentalmente a pulsação básica da música e o ritmo sendo essa a tônica, alternando-se com poucas pausas e breve momentos de desaceleração. O espaço é predominantemente direto, isto é, os caminhos do movimento no espaço têm foco objetivo e as linhas retas, nos gestos dos braços e nos passos, predominam sobre as curvas. A força é vigorosa nos deslocamentos e relacionamentos estabelecidos entre os pares, já o movimento de sacudir dos ombros, ampliado pelo figurino, aparece como uma variação dinâmica. O fluxo se alterna entre liberação e controle do movimento.



Foto 26- Ensaio 2014

Fonte: Arquivo Pessoal da Luar do Sertão



Foto 27- Ensaio 2014

Fonte: Arquivo Pessoal Luar do Sertão

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto pesquisador e brincante de quadrilha junina, posso dizer que ao longo dessa viagem que me propus fazer, defino esse caminho como um universo de descobertas, na qual procurei compreender a teatralidade que se faz presente na quadrilha junina Luar do Sertão de Alagoas em 2014.

Adentrei no universo das quadrilhas juninas, investigando sua contextualização histórica, e como os elementos estruturais constitutivos do espetáculo (dançarino-ator, espaço geral, som e movimento) foram edificando a dinâmica da encenação, cuja teatralidade evidenciava a coerência da obra.

Meu primeiro desafio, foi a busca de materiais para sistematizar minha pesquisa do ponto de vista dos referenciais teóricos relacionados ao tema. Dialogando com os autores Vitalli (2008), Almeida (2001), Chianca (2007) e Silva (2019)

Aqui, considero importante pontuar o quanto foi relevante usar como um dos autores de referência o trabalho de conclusão de curso de uma aluna egressa do Curso de Licenciatura em Dança da UFAL e minha companheira na brincadeira da quadrilha, uma “quadrilheira” como costumamos nos identificar no ambiente dos grupos de quadrilhas juninas. Refiro-me à professora Mestra e artista Joelma Ferreira da Silva. Por si só, este fato já me parece significativo para justificar a importância da realização deste trabalho. Entendo que somos nós quem devemos valorizar e escrever sobre nossa história. Situar esse fazer dos quadrilheiros e quadrilheiras como um fazer artístico. Embora seja comum a presença de artistas da cena local, atores e dançarinos, atuando nas quadrilhas juninas, considero que esse fazer artístico ainda é situado em um lugar outro, inclusive pela academia, e mesmo no curso de Teatro da UFAL.

Embora o PPC do nosso curso proponha que seja lançado o olhar para essas manifestações da tradição popular alagoana e brasileira como saberes importantes à formação do licenciado em Teatro, penso que ainda há um caminho a ser trilhado para que cheguemos de fato a uma efetiva troca de saberes entre os conhecimentos produzidos na academia e os conhecimentos produzidos nesses grupos comunitários de quadrilha junina. É verdade que esse movimento já começa a acontecer quando quadrilheiros se tornam alunos dos cursos de Arte da UFAL e levam suas experiências para o fazer desses grupos, mas, o caminho contrário, no sentido dos conhecimentos

produzidos pelos fazedores de quadrilha serem entendido como Arte e como significativos à formação de um licenciado em Teatro, ainda deixa a desejar. Neste sentido, espero que a realização deste trabalho de conclusão de curso seja uma contribuição nessa direção.

Posso dizer que a partir da realização deste trabalho consegui compreender mais a fundo a dinâmica das quadrilhas, bem como sua imensidão espetacular, percebendo a teatralidade que se faz presente, se materializando enquanto ação e na relação com o espectador. Pois, como propõe Pavis, tudo na quadrilha junina, todos os elementos que a constitui são intencionalmente postos para se tornar cênico, para edificar a teatralidade do espetáculo.

Diante dessa explanação, destaco a importância desse estudo para minha formação enquanto Licenciando em Teatro, pois percebo a quadrilha junina como uma possibilidade do ensino de teatro na escola, por ser uma atividade artística que os alunos têm maior facilidade de acesso, se fazendo presente no seio da comunidade, sendo um campo amplo para as diversas discussões presentes nesse fenômeno cultural.

Espero que esse trabalho de conclusão de curso se configure como uma contribuição nessa direção, corroborando com o reconhecimento do trabalho artístico desenvolvido não só pelo grupo em pauta, mas com o movimento das quadrilhas juninas como um todo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Magdalena. **Quadrilha junina história e atualidade um movimento que não é só imagem**. Prefeitura do Recife, Secretaria de Cultura. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2001. 48p.
- PIMENTEL, Jair Barbosa. **A história do bairro que se originou de uma pista de cavalos**, O JORNAL, 1996
- BIÃO, Armindo. Um trajeto, muitos projetos. **Artes do corpo e do espetáculo: questões de etnocenologia**. Salvador: P& A, 2007, p. 21-42.
- CHIANCA, Luciana de O. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. **Sociedade e Cultura**. v. 10, n. 1, 2007.
- INVENTÁRIO DA OFERTA DE TURÍST. DE PERNAMBUCO, Olinda: EMPETUR, 1998.
- SILVA, Joelma Ferreira Da. As Quadrilhas Juninas em Maceió no contexto dos concursos. **Cadernos Cênicos**, v.1, n. 1, 2019, p. 1–15.
- LABAN, Rodolf. **O domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.
- LIGÉRIO, Zeca. Outro Teatro: Arte e educação entre a tradição e as experiências performáticas. **Revista Póieses**. Rio de Janeiro: UFF, v.13 n. 19, 2012.
- MENEZES, Azevedo. **De um contexto de rigoroso controlo social**, 2008.
- MORAES, Daniela Beny Polito **Os elementos de lansã como possibilidade para criação cênica**. Dissertação de mestrado 2017. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - UFRN. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/23197>
- PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2008
- PRESTON-DUNLOP, Valérie. **Coreologia**. Movimento de reorientação curricular. Educação Artística, 1989.
- RANGEL, Lúcia Helena. **Festas Juninas, festas de São João: origens, tradições e história**. São Paulo: Publishing Solutions, 2008. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/16423137/livro-festas-juninaspdf-festa-junina>
- TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.